A GEOGRAFIA DA SAÚDE E OS GRANDES ENCONTROS GEOGRÁFICOS NA PANDEMIA

THE GEOGRAPHY OF HEALTH AND THE MAJOR GEOGRAPHIC ENCOUNTERS IN THE PANDEMIC

LA GEOGRAFÍA DE LA SALUD Y LOS PRINCIPALES ENCUENTROS GEOGRÁFICOS DURANTE LA PANDEMIA

João Pedro Pereira Caetano de Lima

Mestrando em Geografia (FCT/Unesp)
E-mail: joao.caetano@unesp.br

Pedro Henrique Rocha

Mestrando em Geografia (FCT/Unesp)
E-mail: pehenrique@id.uff.br

Karolina Cardozo Dias

Estudante de Graduação em Geografia (UFSCar)
E-mail: karolinacardozo@estudante.ufscar.br

Resumo:
Há tempos que a Geografia brasileira vem construindo inúmeras pesquisas em vias de enfrentamento das iniquidades em Saúde, visando promover a Saúde através de diferentes perspectivas. Neste texto, objetivamos expor um pouco da trajetória da Geografia da Saúde durante a pandemia, enfocando em ações em rede de solidariedade, publicações acadêmicas, e muitas outras conquistas. Destarte, analisamos os três grandes encontros para a Geografia da Saúde brasileira: o XX Encontro de Geógrafas e Geógrafos, o XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia e o X Simpósio Nacional de Geografia da Saúde. Com estas análises buscamos evidenciar quais os temas trabalhados pelas geógrafas e geógrafos que se dedicam à Saúde durante estes dois últimos anos de pandemia, contribuindo para o enfrentamento da doença. Para isso, analisamos todos os trabalhos publicados nos três eventos, sintetizamos os temas-chave trabalhados em figuras contendo uma nuvem de palavras. e observamos, dentre diversas realizações, o teor político que os trabalhos exprimem, buscando trazer soluções para demandas que emanam do mundo real.

Palavras-chave: Geografia da Saúde, COVID-19, Produção Acadêmica, Revisão Bibliográfica, Resistência.

Abstract:
For a long time, Brazilian Geography has been building numerous researches in the way of confronting the Health inequities, aiming to promote Health through different perspectives. In this text, we aim to expose some of the trajectory of Health Geography during the pandemic, focusing on solidarity network actions, academic publications, and many other achievements. Thus, we analyzed the three major meetings for the Brazilian Health Geography: the XX Meeting of Geographers, XIV National Meeting of Graduate Studies and Research in Geography and the X National Symposium on Health Geography. With these analyses, we seek to evidence which themes were worked on by geographers and geographers dedicated to Health during these last two years of the pandemic, contributing to the confrontation of the disease. For this, we have analyzed all the papers published in the three events and observed, among several achievements, the political content that the works express, seeking to bring solutions to demands that emanate from the real world.

Keywords: Health Geography, COVID-19, Academic Production, Literature Review, Resistance.

Resumen:
Hace tiempo que la geografía brasileña viene construyendo numerosas investigaciones sobre formas de enfrentar las inequidades en Salud, buscando promover la Salud a partir de diferentes perspectivas. En este texto, nos proponemos exponer parte de la trayectoria de la Geografía de la Salud durante la pandemia. Además de tejer consideraciones sobre la Geografía de la Salud en la pandemia, analizamos los tres principales encuentros para la Geografía de la Salud brasileña: el XX Encuentro de Geógrafos, el XIV Encuentro Nacional de Posgrado e Investigación en Geografía y el X Simposio Nacional de Geografía de la Salud. Con estos análisis buscamos evidenciar qué temas fueron trabajados por las geógrafas y geógrafos dedicados a la Salud durante estos dos últimos años de la pandemia, contribuyendo al enfrentamiento de la enfermedad. Para ello, analizamos todos los trabajos publicados en los tres eventos y observamos, entre varios logros, el contenido político que los trabajos expresan, buscando aportar soluciones a demandas que emanan del mundo real.

Palabras-clave: Geografía de la Salud, COVID-19, Producción Académica, Revisión Bibliográfica, Resistencia.

Introdução

É nítido que com a emergência em saúde pública posta pela pandemia da COVID-19 diversas áreas do conhecimento buscaram se unir para construir respostas para o avanço e crescimento do vírus no país. Este cenário que se desenhava, era, até então, passível de ser imaginado apenas como uma obra de ficção científica ou de fantasia, pois não parecia algo tangível. Ao menos era o que o senso comum imaginava.

Com a eclosão da pandemia, e consequentemente, mais uma crise na estrutura do sistema capitalista, diversas/os estudiosas/os passaram a tentar compreender o atual contexto e dar luz a trabalhos que apontavam que os cenários "apocalípticos", sobretudo os ligados a questões sanitárias, se faziam mais presentes na história humana do que se imaginavam (MÉNDEZ, 2020; ROCHA et al., 2020).

Como indica o geógrafo espanhol Ricardo Méndez (2020), essa construção de senso coletivo de que crises, catástrofes e tragédias não acontece[ria]m no nosso tempo por conta dos avanços científicos, tecnológicos e/ou sociais que estamos vivenciando e provocando, reforça a ideia de que ocasiões como essa - se e quando acontecessem - parecem ser eventos improváveis e imprevisíveis, quando na verdade não são. A pandemia ainda vivenciada foi pauta de debates e encontros de diferentes órgãos internacionais, inclusive na

Organização Mundial da Saúde (OMS), e foi notificada nos últimos anos, mas ignorada por aquelas/es que estão em posição de mando (PORTO-GONÇALVES; ROCHA; TRINDADE, 2022 – no prelo). O que nos faz crer que essa construção narrativa e subjetiva das "benesses" dos sistema capitalista, ligadas aos avanços tecnológicos, e reforçadas pela cultura, alcançou um nível de profundidade considerável ao ponto de possibilitar que as ações em prol da acumulação de capital se sobressaiam até em questões onde o mínimo da dignidade humana é debatido - e é claro que isto não soa como nenhuma surpresa, afinal este sistema se mantém com base na exploração, na expropriação, na dominação e na opressão de corpos e territórios.

É importante reforçar, também, que essa conjuntura pandêmica não é a primeira do século XXI. Na virada para a década de 2010 enfrentamos a pandemia de gripe suína, provocada pelo vírus H1N1. Se analisarmos temporalmente, só no século XXI estamos alcançando uma média de uma pandemia por década, o que derruba o argumento de "evento inesperado". Ainda que a COVID-19, por sua alta velocidade de transmissão e letalidade, ocupe um patamar diferenciado na história sanitária e geográfica mundial - compreendendo também que nos últimos dez anos o processo de globalização continuou avançando e impondo novas formas de aceleração do tempo e compressão do espaço.

Isto posto, salientamos que o objetivo deste trabalho não é explicar a COVID-19. Muito já se produziu e ainda se produz sobre essa doença, seus impactos e suas formas de prevenção. Aqui propomos uma reflexão sobre os últimos anos (2020-2022) sob a ótica da produção intelectual da Geografia da Saúde, focando na atuação das Geógrafas e Geógrafos. Entendemos que essa reflexão abre espaço para um debate sobre o olhar geográfico e para onde queremos caminhar com ele.

Por conta disso, estruturamos esse trabalho da seguinte maneira: uma primeira parte destinada a fazer uma breve contextualização da pandemia de COVID-19, cuja discussão já foi iniciada; uma segunda parte destinada a um olhar sobre a atuação das Geógrafas e dos Geógrafos da Saúde ao longo desses dois últimos anos através de ações de coletividade que pautam a união e a força política da Geografia; uma terceira parte destinada a identificar e evidenciar os trabalhos realizados e apresentados no grandes eventos da Geografia brasileira (e da Geografia da Saúde, setorialmente) acontecidos durante os anos da pandemia, sendo estes: o *Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos (ENG/AGB);* o *Simpósio Nacional de Geografia da Saúde; e o Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia*. Por fim, destinamos uma última seção para refletirmos sobre o papel desempenhado pela Geografia da Saúde, evidenciando sua

importância para a Geografia brasileira. Também buscamos realçar temáticas de estudo que necessitarão maior aprofundamento daqui para frente, pensando até em momentos pós-pandemia.

Breve contextualização da pandemia da COVID-19

É inegável que a forma como a COVID-19 se difundiu pelo mundo assustou a comunidade acadêmica e a população mundial, mesmo que previsões já tivessem sido elaboradas, e uma primária noção dos acontecimentos figurasse no imaginário da comunidade científica.

A partir da chegada da COVID-19 no Ocidente, sobretudo nos Estados Unidos e nos países europeus, passamos a ver uma maior movimentação da comunidade científica (ROCHA et al., 2020), que passou a produzir diversos estudos a fim de criar previsões sobre os possíveis caminhos que o coronavírus iria percorrer como uma medida primária de combate ao vírus. Dessa forma, estudos sobre a hierarquia urbana e difusão espacial passaram a ser fundamentais para a compreensão dos caminhos que o vírus traçaria nas cidades, como fizeram Fortaleza et al. (2020a; 2020b) no Brasil. Com esse conhecimento acumulado dentro da ciência geográfica, e todo seu arcabouço teórico-metodológico construído há longas décadas, foi possível

evidenciar a capacidade da Geografia de dar respostas em tempos de crises sanitárias.

Como o primeiro registro de COVID-19 aconteceu no dia 17 de novembro de 2019 na província de Hubei, China e foi chegar ao Brasil em 25 de fevereiro de 2020 (RODRIGUEZ-MORALES, 2020), poderíamos dizer que o Brasil teve certo "tempo" para planejar e efetivar medidas de proteção e combate ao vírus, visto que ocupamos uma posição periférica nos circuitos globais de transporte, comunicação, energia e afins, que a todo momento tentam comprimir e padronizar o tempo e o espaço, mas, ao mesmo tempo provoca desigualdades (SANTOS, [1996] 2014). Com isso e ao contrário da lógica de aceleração capitalista, o país passou a ter ao seu lado "o benefício do tempo", o que se mostrava valioso para podermos aprender com as experiências vividas nos outros países onde a COVID-19 já demonstrava severidade (CRODA; GARCIA, 2020), e, assim, poder montar um plano de combate efetivo à proliferação do vírus, pois via-se quais rotas transmissíveis eram tomadas, quais formas de combate eram mais efetivas e menos efetivas com semanas de diferença. Contudo, na prática não foi isso que aconteceu, e caminhamos para o lado oposto, com políticas descentralizadas de um governo desordenado e desgovernado, que intensificou o processo de adoecimento da população brasileira (BARCELLOS; PEITER, 2022).

Hoje está nítido que a COVID-19 apoiou-se nas lógicas de produção das infraestruturas urbanas para se proliferar no espaço, o que nos atesta que a todo momento estamos falando de uma questão que não é um simples problema de saúde pública, mas uma problemática complexa e de diferentes níveis (GUIMARÃES et al., 2020; ROCHA et al., 2020; PORTO-GONÇALVES; ROCHA; TRINDADE, 2022 – no prelo).

Em uma busca pela compreensão do fenômeno no território brasileiro, ainda nos primeiros meses da pandemia, Guimarães et al. (2020) fizeram um esforço teórico e metodológico para ler o espaço geográfico brasileiro e apontar quais estruturas urbanas, e suas relações hierárquicas, indicavam maiores probabilidades de serem usadas na difusão da COVID-19 pelo país. Todo esse esforço acabou resultando no apontamento de algumas chaves de leituras da COVID-19 no território brasileiro, sendo uma das principais:

> "as estruturas espaciais representadas pelos espaços luminosos e opacos, que remetem a uma análise da densidade de informação, tecnologia e conhecimento no território brasileiro, que tem como consequência uma seletividade espacial por parte do capital" (GUIMARÃES et al., 2020, p. 124).

Por meio dessa chave, os autores e a autora indicam a possibilidade de criação de um modelo interpretativo que

> [...] ao representar essas estruturas, não está preocupado com simplificação ou centrado na comunicação, mas objetiva captar um sistema de relações para fins de investigação e interpretação. Ao representar as estruturas fortes, que Brunet chamou de 'coremas', o modelo ajuda a dar sentido a eventos geográficos, como é o caso da Covid-19, e fornecer condições para pensar e agir sobre o território (GUIMARÃES et al., 2020, p. 124).

A partir dessa proposta interpretativa, e com as experiências acumuladas destes últimos dois anos pandêmicos, observamos o modo como a infraestrutura urbana foi utilizada em uma velocidade maior do que a que tinha sido planejada para ela. Ou seja, a intencionalidade empregada a esses objetos geográficos (SANTOS, [1996] 2014) permitia a noção de que seus usos possibilitariam o transporte de capital, mercadorias, pessoas e afins em um período de tempo *x*, e que a partir desse período de tempo, os processos, sobretudo de acumulação do capital, se desenrolariam. Como indicado por Guimarães et al. (2020) em sua visão sobre o Brasil, a COVID-19 utilizou a mesma estrutura para acelerar o período de tempo em *x* - em todos os lugares do globo -, mas a partir dela, acelerou o seu tempo para a contaminação em uma velocidade maior do que a da acumulação do capital, que já é acelerada.

Além disso, também observamos que o processo de reprodução, transmissão e contaminação aprofundou as desigualdades sociais. Com destaque para o maior número de

contaminação e morte das populações periféricas[1] e a não possibilidade destas populações usufruírem do trabalho de casa (*home-office*), sendo (praticamente) obrigadas/os a se deslocarem e se exporem aos riscos sanitários por diversas questões, entre elas:

I) Serem enquadrados como parte do "serviço essencial", que foi além do verdadeiro essencial, já que o hábito da criadagem se mantém em nossas relações sociais e possibilitam que pessoas de maior poder aquisitivo permaneçam sendo servidas por pessoas de menor poder aquisitivo;

II) Não possuírem infraestrutura adequada para suportar a demanda do home-office, como acesso à internet, energia a preço justo e a equipamentos multimídia, já que muitos vivem em condições precárias de moradia e em áreas desassistidas pelas políticas públicas;

III) Não possuírem acesso ao saneamento básico, e consequentemente, serem impedidos de realizar medidas de combate "simples" ao vírus como lavar as mãos com água e sabão;

IV) Não terem acesso aos kits de testagem, impossibilitando o conhecimento de infecção do vírus, o que

[1] Quando mencionamos "populações periféricas" nos referimos àquelas que não são homens, brancos, cisgêneros, heterossexuais e detentores do capital.

por um lado negou-lhes o direito de realização do tratamento em caso de resultado positivo e, por outro a possibilidade dos agentes de saúde e dos órgãos administrativos controlarem o estágio de contaminação da população frente ao avanço do vírus;

V) A não existência de uma política pública unificada que incentive a permanência dos cidadãos em suas residências, já que houve um evidente desalinhamento entre as esferas administrativas federal, estadual e municipal. Mesmo com a disponibilização de um auxílio financeiro, a demora em sua concretização, o valor disponibilizado e as incertezas de pagamento acabaram contribuindo para que a população buscasse outras formas de sustento. Soma-se isto a descentralização das medidas de restrição à circulação no espaço público - o lockdown.

Em meio a toda essa conjuntura, entre outras que não abordamos, as/os trabalhadoras/es foram jogadas/os a um cruel destino: *"ou morrer de fome ou morrer de COVID-19"*. E, no mesmo ritmo, outras problemáticas foram sendo aprofundadas como o ocultamento de outras doenças (OLIVEIRA; FERNANDES; SILVA, 2022), o aumento da violência doméstica (SIMON, 2021), o aumento da fome (JUNIOR et al., 2021); a (re)emergência de doenças como sarampo; o aumento da mortalidade materna (SIMON; LIMA; GUIMARÃES, 2022, no prelo); a dificuldade de continuação

de tratamentos de doenças crônicas não-transmissíveis; a ascensão da varíola do macaco; entre outras. Enfim, fomos compreendendo que a definição de pandemia não contemplava mais o que estava acontecendo, mas sim tratando esse movimento da COVID-19 enquanto uma Sindemia[2] (HORTON, 2020; BISPO-JÚNIOR; SANTOS, 2021).

Dessa forma, em consonância com Gonzaga *et al.* (2020, p. 118), compreendemos que "durante um período de pandemia, as pessoas deixam de estar em risco, ou seja, encontram-se em situação de vulnerabilidade, pois a doença avança para um cenário onde está presente nos lugares, em escala global" e, por isso, é mais do que necessário debater estratégias de saúde, não apenas da doença COVID-19, pensando uma aproximação do que a OMS definiu em 1948, que saúde é "um completo estado de bem-estar físico, mental e social". Até porque, "quando se pensa em saúde pública, é preciso pensar em uma saúde única, que relaciona a humana, a animal e a ambiental. Quando há um desequilíbrio, a saúde como um todo estará ameaçada" (GONZAGA *et al.*, 2020, p. 119). Esta definição da OMS evoca numerosos esforços para a compreensão das Determinantes Sociais da Saúde (BUSS;

[2] Ainda que pouco explorado, este conceito de Sindemia evoca a junção de duas palavras: *"social"* e *"endemics/pandemic"*, ou seja, endemia/pandemia social. Desta forma, destaca-se, para nós da Geografia, a necessidade de lermos o espaço geográfico transformado por estas doenças não apenas como desdobramentos dos próprios processos de adoecer-morrer, mas enquanto estrutura social que produz e reproduz iniquidades em saúde e/ou vidas saudáveis, evocando a necessidade do par biológico-social caminhar junto para análises em saúde.

PELLEGRINI-FILHO, 2007) e também os debates da Determinação Social da Saúde (BREIHL, 2013). Entretanto, não nos alongaremos nestas correntes teóricas neste excerto.

Espaços de fortalecimento da Geografia da Saúde na pandemia

Há décadas a Geografia da Saúde se constrói com base nas inquietudes e no enfrentamento das iniquidades sociais em Saúde (GONDIM et. al., 2008), que são frutos das injustiças das tramas da sociedade capitalista. Tais inquietações surgem, tanto na construção do pensamento geográfico preocupado com a vida das pessoas (GUIMARÃES, 2015), quanto nos desdobramentos que visam ultrapassar os muros da universidade, colocando-se à serviço da sociedade. Deste modo, compreendendo que, produzir ciência em universidades e faculdades públicas evoca uma necessidade de retorno para a sociedade, as Geógrafas e Geógrafos da Saúde trabalharam arduamente para buscar compreender as diversas faces da pandemia no Brasil.

Gostaríamos de destacar, neste primeiro momento, ações que corroboram com o fortalecimento da Geografia brasileira a partir da Saúde. Aqui, entendemos e pensamos essas ações como pontos de resistência geográfica frente à COVID-19 e seus desdobramentos, já que os exemplos a

seguir podem ser lidos pela sua capacidade de produção de narrativas capazes de influenciar decisões de poderes públicos em prol de uma intervenção vinda da esfera 'dos de cima', mas também oferece chaves de leitura para o entendimento da conjuntura socioespacial vivida e, assim, possibilitam a formulação de estratégias para uma resposta às formas de dominação, opressão, subalternização e exploração que a esfera 'dos de baixo' sofre diariamente. Ou seja, estamos tratando de exemplos que criam Geografias em defesa da vida.

Dentre as ações que corroboram para o fortalecimento da Geografia, devemos citar a criação da Rede de Geógrafas e Geógrafos da Saúde, no início da pandemia. Inicialmente denominada "Força Tarefa", esta rede foi formada por diversas/os professoras/es e pesquisadoras/es de diferentes regiões do Brasil e de diferentes países (tais como Argentina, Chile, Cuba, México e Portugal), sendo responsável por unir diversos grupos de pesquisa, associações, institutos e entidades nacionais e latino-americanas a fim de promover debates acerca do enfrentamento da pandemia, do planejamento territorial, bem como o intercâmbio de metodologias para a compreensão da difusão espacial da doença. Compõe a Rede diversas universidades brasileiras, tais como a Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade

Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Tocantins (UFTO), Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Londrina (UEL), dentre outras espalhadas por todos os Estados brasileiros. Ademais das universidades, diversas instituições compõe esta Rede, sendo elas: a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), o Instituto Adolfo Lutz (IAL), o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), dentre muitos outros que não estenderemos aqui[3].

Um segundo exemplo de ação de resistência é a criação do *Observatório geográfico sobre os impactos da COVID-19* da Associação de Geógrafas e Geógrafos Brasileiros (AGB). Seu surgimento se vincula à proposta de congregar diversos trabalhos de geógrafas/os sobre a temática da COVID-19 em um único espaço, tanto para divulgar a produção intelectual da Geografia em foco da pandemia, quanto para servir como uma grande biblioteca que carregará a memória das ações e do trabalho da Geografia durante este momento. Pode-se ler este observatório como um grande memorial da Geografia brasileira nos anos da pandemia, apesar de não conter todos

[3] É sempre importante salientar que são as pessoas que fazem parte destes grupos de pesquisa, institutos e órgãos governamentais, mas que suas opiniões individuais não refletem o pensamento de seu respectivo coletivo, tampouco que seu coletivo como um todo firmou estas parcerias. Aqui, lê-se a capilaridade das pesquisadoras e pesquisadores da Geografia da Saúde no Brasil e América Latina.

os trabalhos feitos na Geografia, tampouco da Geografia da Saúde. Ainda assim, está em funcionamento e mantendo-se aberto para o envio de trabalhos, mapas, *podcasts*, vídeos, notícias e o que mais representar uma memória da produção geográfica nos tempos de pandemia. A existência de um espaço como esse, advindo da maior representação geográfica no Brasil, a AGB, é um ato de fortalecimento da Geografia, não apenas os estudos da Geografia da Saúde[4], visto que além da COVID-19 enfrentamos diversos ataques à produção científica, cortes de verba, patrulha ideológica, entre muitas outras problemáticas que foram intensificadas pelas ações do (des)governo bolsonarista.

É interessante evidenciar, também, o lugar que a comunicação ocupou nesse período de isolamento social. Com a reclusão da população mundial, os canais virtuais acabaram se tornando verdadeiras potências para a divulgação do que estava sendo produzido academicamente e pelas ações sociais locais. Foram diversas as fontes de divulgação, tais como as transmissões ao-vivo pela internet (as *lives*), matérias em veículos de imprensa (jornais de abrangência local, estadual e federal), notas técnicas, *podcasts*, publicações em redes

[4] Destaca-se que este observatório é um espaço de memória das produções intelectuais da Geografia durante a pandemia, não se restringindo apenas para artigos científicos, mas também para notícias em jornais, textos comentados, mapas, entre outros. Para conhecer mais, acesse o link: <https://agb.org.br/covid-19/>.

sociais, cursos e minicursos, palestras, artigos de opinião, entre outras.

O último exemplo que gostaríamos de destacar é a (re)articulação do Grupo de Trabalho de Saúde (GT de Saúde), da AGB da seção local de Presidente Prudente (SP) em março de 2020. Ainda que, num primeiro momento, o grupo tenha começado seu movimento de forma presencial, com a eclosão da pandemia e a imposição das novas realidades socioespaciais, passou a operar de maneira remota. Entretanto, essa virtualidade possibilitou o aumento de sua capilaridade para além da seção local de Presidente Prudente, congregando diversas/os estudantes e pesquisadoras/es de vários municípios do país[5]. Ao longo da pandemia, o que se viu, foi um grupo de pesquisadoras/es[6] jovens, de diferentes regiões do Brasil, se reunindo para pensar as diversas questões que a crise sanitária impunha, fazendo do grupo de trabalho um espaço de oxigenação da Geografia da Saúde na AGB, um lugar de união para novas/os pesquisadoras/es que passaram a ver a Saúde como um tema relevante para as suas trajetórias.

Sobre as ações do GT de Saúde, em particular, podemos dizer que o grupo pautou diversas questões durante estes dois

[5] A saber: Presidente Prudente (SP), Niterói (RJ), Vitória (ES), Campina Grande (PB), São Paulo (SP), Sorocaba (SP), Uberlândia (MG), Belo Horizonte (MG), entre outras/os.

[6] Composto por estudantes de diversos níveis (graduandas/os e pós-graduandas/os), mestras/es, doutoras/es e professoras/es.

últimos anos, com destaque para sua inserção na XII Semana de Estudos de Geografia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba); participação ativa na organização do X Simpósio Nacional de Geografia da Saúde; diversas transmissões ao vivo que relacionaram a memória dos estudos de Saúde na AGB; a participação no XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos (ENG) em 2022. Estes foram apenas alguns eventos de maior notoriedade que o GT de Saúde alcançou, ainda havendo diversas outras atividades que poderiam ser citadas[7].

Portanto, tudo que se produziu, seja na Geografia da Saúde pré-pandemia, seja no período pandêmico – objeto de análise para nós neste momento –, acaba reforçando o nosso entendimento sobre o campo como uma forma de pensar a Geografia de maneira inquieta que constantemente é provocada a compreender o espaço e a sociedade, bem como intervir sobre eles. É o que Guimarães (2015) enfoca ao dizer que esta é uma abordagem da Geografia preocupada com a vida das pessoas e que veste lentes críticas para compreender os problemas que emanam do mundo real.

Apesar de podermos dissertar longas páginas sobre estes movimentos supracitados, gostaríamos de evidenciar

[7] Para àquelas/es que desejam conhecer mais o trabalho deste grupo, recomendamos a leitura da nota *"Resistir para Re-Existir: GT de Saúde Presidente Prudente"*, disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7768>.

agora algumas das produções científicas realizadas nesse período pandêmico a fim de valorizar algumas das temáticas abordadas por estas/es pesquisadoras/es no enfrentamento da COVID-19, e suas questões relacionadas, a partir dos maiores encontros nacionais de Geografia e Geografia da Saúde - o Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos (ENG/AGB); o Simpósio Nacional de Geografia da Saúde; e o Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE/ANPEGE).

Os grandes encontros

Durante estes dois anos que remontam a pandemia da COVID-19, Geógrafas e Geógrafos propuseram, em diversas frentes, estudar as vertentes que perpassam não somente o estudo da COVID-19 em si, mas seus desdobramentos na economia, educação, política, ou das desigualdades sociais e estruturais que permeiam a situação de Saúde das/os brasileiras/os. Ao longo desta seção buscamos evidenciar algumas das produções acadêmicas realizadas por nós da Geografia da Saúde no que chamamos de "Grandes Encontros", ou seja, os maiores encontros para a Geografia (e da Geografia da Saúde, setorialmente) – o Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos (ENG) em sua vigésima edição; o maior evento setorial da área da Geografia da Saúde no Brasil, o Simpósio Nacional de Geografia da Saúde em sua

décima edição; e o maior encontro de pesquisa de pós-graduação e pesquisa, o Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, em sua décima quarta edição.

A escolha dos Grandes Encontros pertence a uma postura política de evidenciar os espaços de diálogo e de formação política dentro da Geografia brasileira, pois é a partir destes eventos que torna-se possível o intercâmbio de pensamentos, metodologias, abordagens, práticas, métodos de pesquisa, e construção política da Geografia.

Seguindo a linha cronológica de acontecimento desses eventos, começamos pelo XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, que ocorreu de forma virtual entre os dias 10 e 15 de outubro de 2021 (uma semana antes do Simpósio Nacional de Geografia da Saúde), sob o tema *"A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraliberal"*. Este encontro acontece bianualmente e é organizado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) – a maior associação à nível de Pós-Graduação da Geografia brasileira. Sua fundação foi no ano de 1993, após décadas de organização estudantil a nível de pós-graduação (GERARDI, 2003). Essa edição de 2021 contou com 1451 artigos em seus Anais, com 73 Grupos de Trabalho para discussão das diversas temáticas geográficas. A temática da Geografia da Saúde constou com

apenas um grupo de trabalho (GT 72: Geografia e Saúde), com 19 trabalhos submetidos.

O X Simpósio Nacional de Geografia da Saúde, por sua vez, ocorreu sob o tema *"Dimensões Geográficas dos Impactos e Desafios das Pandemias"*, sendo realizado entre os dias 18 e 21 de outubro de 2021. Reforçamos que este é o maior evento setorial da Geografia da Saúde brasileira, cuja primeira edição ocorreu no ano de 2003[8], em de Presidente Prudente – São Paulo. Desde então, os encontros são realizados bianualmente em sede escolhida no final de cada evento. Este simpósio nacional conta com grande capilaridade no Brasil e na América Latina. Somam-se parceiras/os latino-americanas/os da Argentina, Chile, Cuba, México, Venezuela, bem como instituições de pesquisa como FIOCRUZ, INPE, IBGE, OPAS, IAL, Ministério da Saúde (MS), entre outras.

Para a décima edição, o evento foi organizado remotamente, contendo cinco grandes eixos para submissão de trabalhos, sendo eles: *i) Dimensões históricas, teóricas e metodológicas da Geografia da Saúde* (13 trabalhos submetidos); *ii) Desafios e análises: uso das geotecnologias em Saúde* (14 trabalhos submetidos); *iii) Políticas públicas voltadas à Saúde* (22 trabalhos submetidos); *iv) Território, ambiente e saúde* (39 trabalhos submetidos); *v) Redes de*

[8] Desde sua primeira edição, o Simpósio Nacional de Geografia da Saúde é incentivado e apoiado pela Associação de Geógrafas e Geógrafos Brasileiros (AGB).

solidariedade diante de crises (1 trabalho submetido). No total, foram 90 trabalhos submetidos.

Por último, o XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos, sob o tema *"Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir"*, foi realizado entre os dias 20 a 24 de julho de 2022, sediado em São Paulo (SP). Este é o maior encontro da Geografia brasileira, da maior entidade da Geografia brasileira, remontando sua história no ano de 1994 quando a AGB passou a ser uma entidade que congregava sócios, estudantes e profissionais da Geografia brasileira. Não pretendemos aprofundar a história dos encontros nacionais da AGB, tampouco sua extensa história na Geografia. Para isso, recomendamos a leitura de Antunes (2008); AGB (2022); Iumatti, Seabra e Heidemann (2008). Sob à luz da Geografia da Saúde, o encontro contou com apenas um eixo – e ainda não exclusivo sobre a temática - para submissão de trabalho, contidos no que é denominado *Espaços de Diálogos e Práticas (EDP)*, a saber "*Geografia da Fome, Alimentar e da Saúde*" (Eixo 5). Assim sendo, tivemos um total de 8 trabalhos submetidos – fato que tem avançado durante os anos dentro da AGB (SIMON; REGALA, 2020).

É importante destacar que ambos os eventos foram realizados integralmente de forma *online* devido à pandemia da COVID-19 – apesar das sedes mencionadas. Ademais, metodologicamente os trabalhos foram analisados quanto ao

resumo e as palavras-chave – quando ainda havia dúvidas, recorremos à leitura completa dos trabalhos. Referente a sistematização das palavras-chave, realizou-se uma categorização conforme as explicitas no texto e qualificamos estas de acordo com a leitura dos trabalhos publicados. Desta forma, somamos a quantidade de vezes que estas palavras-chaves foram citadas e realizamos uma nuvem de palavras. Então, se a palavra-chave "COVID-19" repetiu-se em 10 trabalhos, o peso dela é atribuído a esta quantidade e assim sucessivamente.

Figura 1: Os grandes encontros geográficos dos anos de 2021 e 2022.



*Nota: as imagens utilizadas para referenciar os encontros foram retiradas das páginas oficiais dos encontros e deixamos os créditos para as/os autoras/es das artes.

Organização: Os autores, 2022.

Através da figura é possível perceber o óbvio: a Geografia da Saúde ainda ocupa um espaço tímido dentro dos maiores encontros nacionais de Geografia (ENG e ENANPEGE) – mas também se torna equivocado pensar que haveria mais trabalhos enviados para algum encontro que não o maior encontro setorial da Geografia da Saúde. Afinal, os debates fluem de um evento para o outro. O ponto é: há debates de Geografia e Saúde nestes encontros nacionais da Geografia brasileira – fato que, em outras edições, encontrava-se com menor expressividade tanto no ENG,

quanto no ENANPEGE. Essa maior representatividade pode ser evidenciada no trabalho de Simon e Regala (2020) sobre a história da Saúde na AGB.

Sobre os encontros da ANPEGE, gostaríamos de destacar que, pela primeira vez, organizou-se a conferência de abertura com a temática da Geografia da Saúde, sob comando do Professor Dr. Raul Borges Guimarães[9], que estuda Geografia da Saúde há 35 anos. A realização desta conferência magna demonstra o interesse da comunidade geográfica brasileira em se aproximar dos estudos da Geografia e da Saúde, e, acima disso, demonstra a necessidade de se pensar o espaço geográfico tendo como *lócus* da discussão a temática da Saúde das populações.

Adentrando nos temas trabalhados dentro do Grupo de Trabalho (GT 72) *Geografia e Saúde* do XIV ENANPEGE, é possível observar que a maioria dos trabalhos inter-relacionam a COVID-19 com outras temáticas, a exemplo da disponibilidade de Leitos de Internação (SOUZA; SOUZA-FILHO, 2021); Rede Urbana e Centralidade (SCHUMANN et. al., 2021); Saúde Indígena (SANTOS; MATOS; ARAUJO, 2021; ARAGÃO; BERGAMIN, 2021); entre outros. Também destacamos trabalhos que evidenciam o Autocuidado de Travestis e Mulheres Transexuais (BRAGA; ORNAT, 2021); o

[9] Professor titular da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) e coordenador do grupo de pesquisa intitulado como Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde (BioGeoS).

Suicídio (FREITAS, 2021); a Justiça Espacial (CARVALHO, 2021), entre outras análises de doenças emergentes e (re)emergentes que não caberão neste trabalho[10], mas evidenciadas na reunião dos temas-chave em uma nuvem de palavras a seguir:

Figura 2: Temas-chave dos Trabalhos do XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2021.



**Nota: foram 34 temas separados e analisados dentre os 19 trabalhos de todos os eixos de trabalho – ao incluir repetição, o somatório estaria em 47.

Organização: Os autores, 2022.

Conforme mencionado anteriormente, logo em seguida do XIV ENANPEGE, ocorreu o evento setorial da Geografia da Saúde. Após uma análise, observamos que dentro do X Simpósio Nacional de Geografia da Saúde, os eixos que

[10] Convidamos a todas/os leitoras/es a acessar os Anais eletrônicos do XIV ENANPEGE, disponibilizados pela *Editora Realize* no endereço eletrônico: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-xiv-enanpege>.

visavam a discussão de *Políticas Públicas* e *Território, Ambiente e Saúde* foram os que mais cativaram as/os pesquisadoras/es para enviarem trabalhos, deixando o eixo 5, *Redes de Solidariedade Diante de Crises*, com a menor expressão no evento.

Dentre todos os trabalhos submetidos nos diversos eixos, a temática da COVID-19 é a que mais apareceu nos trabalhos acadêmicos, isto é dado pelo fato de estarmos vivendo, naquela época, um dos momentos mais severos da COVID-19, com altas taxas de prevalência e letalidade, mesmo que houvesse a disponibilidade da vacina. Os temas mais trabalhados para além de análises referentes à COVID-19 foram: *Geotecnologias, Políticas Públicas, Epistemologia, Serviços de Saúde, Regionalização da Saúde, Promoção da Saúde*. Ademais, outros temas de grande relevância apareceram no décimo Simpósio, mas com menor expressividade (lê-se quantidade de trabalhos), tais como: *Alimentação, Saneamento Básico, Solidariedade, Normatividades, Feminismo, Povos Indígenas, Saúde Mental, Acessibilidade, Vacinação, Homicídios*, entre outros.

Cabe uma ressalva quanto à exposição destes temas centrais. Selecionamos alguns para enunciar que, independentemente dos eixos de trabalho, foi possível perceber através das leituras dos trabalhos que as pessoas incorporaram ao seu tema de pesquisa vigente a situação de

emergência em Saúde provocada pela COVID-19. À exemplo de alguns, temos temáticas de Feminismo e a Promoção da Saúde (SIMON; BORSOI, 2021), Violência Doméstica (JESUS; SANTOS, 2021), Gênero (BESERRA; FERREIRA; DUARTE, 2021), entre outros. Isto evidencia que a Geografia da Saúde se pauta em buscar soluções para as demandas do mundo real - no caso, a COVID-19, mas não somente. É por isso que encontramos trabalhos que relacionam a pandemia e seus desdobramentos na acentuação de situações de vulnerabilidade, no adensamento de problemas de ordem estrutural galgada pelo patriarcado, nas desigualdades de gênero, entre outras temáticas.

Sobre as temáticas das Geotecnologias, encontram-se trabalhos múltiplos, cuja ordem transita entre a crítica de bases de dados em saúde (BECEYRO, 2021); Planejamento Urbano e implantação de Unidades Básicas de Saúde (OLIVEIRA; SILVA; OLIVEIRA-BORGES, 2021); análises espaciais da COVID-19 (LIMA; GUIMARÃES, 2021; MIRANDA et. al., 2021; FRANCISCO et. al., 2021; entre outros); debates sobre o tema da Centralidade, Rede Urbana e Políticas Públicas (PIRES; RAMIRES, 2021; BENTO, 2021; DUARTE; SCHUMANN, 2021), entre diversas outras temáticas abordadas com enfoque no uso das Geotecnologias à serviço da Saúde.

Destaca-se também trabalhos que buscam analisar o ensino de Geografia através da Saúde, como visto em Vieira, Ribeiro e Heidmann (2021), Brunet, Santos e Anunciação (2021) e Garcia e Kaercher (2021). Quanto ao Planejamento em Saúde, Políticas Públicas de Acesso a Serviços de Saúde, houve trabalhos com temáticas LGBT (SANTANA; DUTRA, 2021); Acessibilidade (BRITO; PEDREIRA JUNIOR; VIANA, 2021); Análise de Conselho Municipal de Saúde e de Agentes Comunitários de Saúde (VAICHULONIS; ULLIRSCH; BRILINGER, 2021; MIRANDA; BRITTO, 2021); Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) em Travestis e Mulheres Transexuais (BRAGA; ORNAT, 2021), entre muitas outras temáticas que podem ser evidenciadas na figura a seguir:

Figura 3: Temas-chave dos Trabalhos do X Simpósio Nacional de Geografia da Saúde, 2021



***Nota: foram 99 temas separados e analisados dentre os 90 trabalhos de todos os eixos de trabalho – ao incluir repetição de temas, o somatório estaria em 192.

Organização: Os autores, 2022.

Para nós, e esperamos que para as/os leitoras/es também, fica nítido que os trabalhos do X Simpósio Nacional de Geografia da Saúde possuem vasta extensão de temas, diversidade de debates, proposições teórico-metodológicas, e demonstram grande avanço nesta temática de uma Geografia preocupada para com a vida das pessoas (GUIMARÃES, 2015), fortalecendo estudos que relacionam as diferentes pautas sociais e as lutas para a diminuição das iniquidades em saúde. Gostaríamos de expor diversos outros trabalhos interessantes que encontramos ao longo de nossa pesquisa,

mas no total de 90 trabalhos debatidos no evento, ficaria muito extenso nosso debate sobre o Simpósio[11].

Agora, para o XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos, foi possível observar, do mesmo modo que no Simpósio, a preocupação em estudar a COVID-19 e seus desdobramentos na vacinação (HEIMANN, 2022), taxas de incidência da COVID-19 (MACEDO; MARQUES, 2022) e aspectos de Regionalização em Saúde (MUNIZ, 2022).

Outros temas para além da COVID-19 analisam aspectos referentes à depressão e saúde mental (CARVALHO, 2022), análise da produção acadêmica de dissertações e teses da Geografia da Saúde no portal CAPES (SCHUMANN; DUARTE, 2022), Vulnerabilidade Ambiental e o risco à Leishmaniose Tegumentar (SILVA, 2022), entre outros.

Destaca-se que são 8 trabalhos relacionados à temática da Geografia e da Saúde, no EDP *"Geografia da Fome, Alimentar e da Saúde"*[12] e foram elencados um total de 14 temas dentre estes trabalhos – incluindo temas que repetem, o somatório seria de 35. Isto posto, não caberia aqui

[11] Convidamos todas e todos a acessarem os anais do X Simpósio Nacional de Geografia da Saúde para conhecer estes, e outros trabalhos, através do endereço eletrônico: <https://www.anaisgeosaude.com/x-simposio>. Também é possível encontrar os anais dos encontros anteriores.

[12] Importante salientar que os autores do presente texto foram responsáveis por fazer a avaliação e sistematização dos trabalhos para o referido EDP do XX ENG, e, até o momento da apresentação oral, o eixo continha 17 trabalhos, sendo retirados alguns que não se interessaram em publicação nos Anais, portanto, esta diferença não pôde ser contabilizada.

evidenciar cada trabalho do encontro nacional, mas algumas temáticas de interesse das publicações são: *Leishmaniose, Oncologia, Vulnerabilidade Ambiental, Depressão, Saúde Mental, Infecção Sexualmente Transmissível (HPV/IST), Epistemologia, Análise de Risco, COVID-19, Vacinação, entre outras*.

Figura 4: Temas-chave dos Trabalhos do XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos, 2022.



Organização: Os autores, 2022.

Igualmente às análises do X Simpósio Nacional de Geografia da Saúde, não buscaremos aqui esgotar os trabalhos e as análises dos temas trabalhados no XX Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos, mas gostaríamos de suscitar à leitora e ao leitor que acessem os trabalhos do

Encontro na íntegra[13]. Durante este Encontro Nacional, vale destacar também, a ocorrência dos espaços destinados aos Grupos de Trabalho da entidade, onde o GT de Saúde apresentou suas atividades e, juntamente com todas/os presentes, membros e não membros do grupo, elaborou uma carta aberta para a comunidade geográfica brasileira sobre os estudos de Geografia e Saúde, que pode ser encontrada no site da Associação de Geógrafas e Geógrafos Brasileiros (AGB)[14].

Por fim, gostaríamos de exceder esse espaço, para evidenciar os esforços realizados para além de eventos científicos. Ao longo desse período também identificamos um movimento oriundo dos periódicos da Geografia ao publicarem edições especiais sobre a temática da COVID-19. Em razão disso, deixamos aqui uma menção especial para a *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde* - a maior revista científica da área que realiza a interface entre Geografia e Saúde. Esta revista conta com edições desde 2012 em seu site[15], e em 2020 lançou uma edição especial com a temática da COVID-19, evidenciando, novamente, o desempenho da Geografia da Saúde frente à emergência em saúde pública vivida pela COVID-19. Este número especial conta com 45 artigos advindos de pesquisadoras/es de quatro

[13] Disponível em: <https://www.eng2022.agb.org.br/simposio/anais>.

[14] A Carta pode ser lida através do endereço eletrônico: <https://agb.org.br/carta-aberta-a-comunidade-geografica-brasileira/>.

[15] O site pode ser acessado através do endereço eletrônico: < https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/index>.

países (Cuba, México, Portugal e Brasil), evidenciando temáticas sobre a Difusão Espacial da COVID-19, seus impactos nas cidades, o isolamento social, populações vulneráveis, entre outras (GUIMARÃES; CATÃO; NOSSA, 2021).

E agora, o que fazer?

Trouxemos aqui, uma síntese dos diversos esforços para enunciar a importância dos estudos da Geografia da Saúde durante os quase três anos de trabalho para compreender a COVID-19 e seus desdobramentos em diversas escalas e temas distintos. Sempre esteve óbvio para nós que não encerraremos estas discussões durante este texto, mas abordá-las, mesmo que rapidamente, é uma forma de (re)afirmar a importância que a Geografia tem para a sociedade, para além dos incessantes esforços que foram desempenhados durante os anos aqui mencionados de pandemia da COVID-19. Necessitamos, cada vez mais, evidenciar o papel da Geografia nas mídias, redes sociais, movimentos sociais, poder público e também na academia como um todo, mostrando a capacidade que nós, Geógrafas e Geógrafos, professoras e professores de Geografia, possuímos em buscar respostas para os problemas que surgem na sociedade.

As análises feitas compreendem algumas das ações recentes que se tornaram importantes para a história da

Geografia da Saúde brasileira, sejam elas no sentido da reunião de pesquisadoras/es do campo para uma ação em conjunto, como foi visto na *Rede de Geógrafas e Geógrafos da Saúde* e no *GT de Saúde da AGB*, sejam elas no sentido da divulgação da produção acadêmica (e social) como resposta às questões impostas, como foi visto no *Observatório Geográfico sobre os impactos da COVID-19*, nas edições especiais (e regulares) de periódicos geográficos e nos diversos livros publicados sobre a temática.

Os trabalhos específicos da Geografia da Saúde mencionados no que denominamos de *"Grandes Encontros"* nos mostram a importância e o reconhecimento que este campo dedicado a estudar os processos de saúde-doença tem recebido ao longo dos últimos anos. É óbvio que ainda há muito o que caminhar, por exemplo, um eixo de trabalho específico nos Encontros Nacionais de Geógrafas e Geógrafos (ENGs), eixos mais amplos nos Encontros Nacionais de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, não restringindo o debate da Saúde apenas para quem já o estuda.

Uma análise mais atenta dos trabalhos demonstra importantes eixos de pesquisa e ação da Geografia (da Saúde) para os anos que seguirão em uma fase de pós-pandemia. Os debates sobre *Suicídio, Feminismo, Doenças Negligenciadas, Racismo, Políticas Públicas e Acesso à Saúde, Promoção da Saúde, Educação, Fome, Pobreza, Vulnerabilidade e Risco, Saúde Ambiental, Povos Indígenas*, entre muitos outros,

necessitam, cada vez mais, de aprofundamento, pois observamos conjunturalmente um grande retrocesso político-social provocado pelo avanço da onda (neo)liberal que afeta o Brasil desde 2013 e parece ter no (des)governo bolsonarista seu ápice.

Futuramente, a COVID-19 será tomada como um período fúnebre em nossa história, mas seus impactos ainda serão sentidos por nós, e por isso, que continuemos a trabalhar incessantemente, afinal, antes de qualquer coisa, a Geografia da Saúde deve vestir lentes críticas (GUIMARÃES, 2015) e buscar "alicerçar as condições pelas quais a vida se tornaria não apenas mais longa, mas também mais digna de viver" (SANTOS, 2003, p. 310).

Isto posto, gostaríamos de dizer que não podemos perder **a nossa capacidade de nos indignar com a realidade e de buscar meios para intervir em prol daquelas/es que mais necessitam**. A história da Geografia da Saúde que Guimarães (2015) aponta, deixa nítido que quem produz esse tipo de conhecimento, em algum grau, está implicado com as questões de exploração, subalternização, opressão e dominação que as populações sofrem. Esse posicionamento das Geógrafas e dos Geógrafos que pensam Saúde exprime um movimento na Geografia. Indica uma Geografia, que ao contrário do que originalmente foi pensada - aliada ao Rei e àqueles que estão no andar de cima utilizando da visão de sobrevoo para analisar e explorar a sociedade (SOUZA, 2007; PORTO-

GONÇALVES, s/d) -, é uma Geografia que caminha junto com aqueles que buscam promover mudanças nas estruturas da sociedade como um movimento em favor da vida.

Esses últimos anos nos deixaram de luto por todas as vidas ceifadas pela COVID-19 e seus desdobramentos, mas reforçaram nossa posição político-acadêmica-militante perante os ocorridos no último biênio. A COVID-19 pode passar, ou melhor, estar sob controle, mas o trabalho só está começando. Afinal, seus impactos serão sentidos por muitos anos, mas estamos aqui para contribuir com estas compreensões.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a todas e todos que compõem o Grupo de Trabalho de Saúde que, direta ou indiretamente, contribuíram para o nosso pensar e ser em Geografia (da Saúde) através dos afetos e trocas durante os dois últimos anos e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa de Mestrado, processo nº 2022/07025-8.

Referências

ANTUNES, Charlles da França. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – origens, idéias e transformações**: notas de

uma história. Tese (Doutorado em Geografia). Niterói. UFF, 2008.

ARAGÃO, Naara Siqueira de; BERAMIN, Alexandre. Da desterritorialização a territorialização precária da Reserva Indígena de Dourados e os impactos nos indicadores de saúde. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia: A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraneoliberal. XIV., 2021, Online. **Anais [...]**. [S.I.]: Plataforma Espaço Digital, 2021. Disponível em https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78296. Acesso em 12 ago. 2022.

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS/AGB. **Associação dos Geógrafos Brasileiros**: Nossa História. [S.I.]. Disponível em: https://agb.org.br/agb/. Acesso em: 09 ago. 2022.

BARCELLOS, Christovam; PEITER, Paulo Cesar. A pandemia de Covid-19: possíveis ensinamentos sobre a saúde e segurança internacional. In: FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER. **Ameaças sem fronteiras**: somos capazes de lidar com os desafios? Rio de Janeiro: Editora Cruzado, 2022.

BECEYRO, Ana Carolina. La calidad de las bases de datos para el uso de geotecnologias en salud. El caso de las intoxicaciones por plaguicidas en Mendoza. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 168-182. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

BENTO, Victor Régio da Silva. O bosque como uma centralidade dos serviços de saúde em Rio Branco, Acre. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021,

p. 331-342. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

BESERRA, Milka Lopes; FERREIRA, Franciele Maria Costa; DUARTE, Cristiana Coutinho. Entre a historiografia local e as problemáticas de gênero: o município de Jaboatão dos Guararapes – PE e a contaminação da população feminina (COVID-19). In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 886-895. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

BISPO JÚNIOR, José Patrício; SANTOS, Djanilson Barbosa dos. COVID-19 como sindemia: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 10, p. 1-14, 2021. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00119021.

BRAGA, Ramon de Oliveira Bieco; ORNAT, Marcio José. Corpo como escala e a automedicação como prática do cuidado de si realizado por travestis e mulheres transexuais, em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia: A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraneoliberal. XIV., 2021, Online. **Anais [...]**. [S.I.]: Plataforma Espaço Digital, 2021. Disponível em https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78848. Acesso em 12 ago. 2022.

BRAGA, Ramon de Oliveira Bieco; ORNAT, Márcio José. Práticas do cuidado de si na prevenção de IST realizadas por travestis e mulheres transexuais, em Curitiba e Ponta Grossa, Paraná. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 571-582. Disponível em:

https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

BREILH, Jaime. La determinación social de la salud como herramienta de transformación hacia una nueva salud pública (salud colectiva). **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, v. 31, p. 13-27, 2013.

BRITO, Patrícia Lustosa; PEDREIRA JUNIOR, Jorge Ubirajara; VIANA, Marcella Sgura. Acessibilidade física a equipamentos de Atenção Básica à Saúde durante a pandemia da COVID-19: uma análise sobre Península de Itapagipe em Salvador-BA. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 558-570. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

BRUNET, Ana Fábia Damasceno Silva; SANTOS, Flávio Cabreira dos; ANUNCIAÇÃO, Vicentina Socorro da. Educação pública, o fazer docente e os impactos da pandemia no pantanal de Aquidauana. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 636-649. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 77-93, 2007.

CARVALHO, Caê Garcia. Perspectivas humanistas na Geografia da Saúde: análise da depressão e da dor crônica às possibilidades de ser. In: Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos: Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir. XX., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo,

2022. Disponível em https://www.eng2022.agb.org.br/site/anais?AREA=10. Acesso em 09 nov. 2022.

CARVALHO, Marlison dos Anjos. Do localismo ao regionalismo na saúde: contribuições da justiça espacial na territorialização do SUS – na região de saúde de Salvador. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia: A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraneoliberal. XIV., 2021, Online. **Anais [...]**. [S.I.]: Plataforma Espaço Digital, 2021. Disponível em https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78335. Acesso em 12 ago. 2022.

CRODA, Julio Henrique Rosa; GARCIA, Leila Posenato. Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.L.], v. 29, n. 1, mar. 2020. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742020000100021.

DUARTE, Tiaraju Salini; SCHUMANN, Eduardo. As redes urbanas e a difusão do SARS-CoV-2: uma análise da região de saúde sul do Rio Grande do Sul. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 1076-1086. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

FORTALEZA, Carlos Magno Castelo Branco et al. Elementary spatial structures and dispersion of COVID-19: health geography directing responses to public health emergency in Sao Paulo State, Brazil. **medRxiv**, p. 1-10, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.1101/2020.04.26.20080895>.

FORTALEZA, Carlos Magno Castelo Branco et al. Taking the inner route: spatial and demographic factors affecting

vulnerability to COVID-19 among 604 cities from inner São Paulo State, Brazil. **Epidemiology & Infection**, v. 148, p. 1-5. 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S095026882000134X>.

FRANCISCO, Ícaro da Costa; GAZOLA, Bianca Diana; AUGUSTO, Ingrid Januário; MARTINUCI, Oséias da Silva. Análise intraurbana da incidência e mortalidade por COVID-19 na cidade de Maringá-PR. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 229-242. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

FREITAS, Marcone Henrique de. Perfil epidemiológico da mortalidade por suicídio no estado do Espírito Santo, entre 2001 a 2019. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia: A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraneoliberal. XIV., 2021, Online. **Anais [...]**. [S.I.]: Plataforma Espaço Digital, 2021. Disponível em https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77563. Acesso em 12 ago. 2022.

GARCIA, Miguel Pocharski; KAERCHER, Nestor André. Potencialidades do ensino de Geografia da Saúde na educação básica: uma alternativa para promover a saúde nas escolas. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 548-557. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

GERARDI, Lucia Helena de Oliveira. ANPEGE - O RESGATE DE UMA HISTÓRIA. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 1, n. 01, p. 9–16, 2017. DOI: 10.5418/RA2003.0101.0001.

Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6620. Acesso em: 9 nov. 2022.

GONDIM, Grácia Maria de Miranda et al. O território da saúde: a organização do sistema de saúde e a territorialização. **Território, ambiente e saúde**, v. 1, p. 237-256, 2008.

GONZAGA, Eunir Augusto Reis; LACERDA, Isabella do Carmo; JESUS, Tuila Tachikawa de; LIMA, Samuel do Carmo. Equidade, justiça social e cultura de paz em tempos de pandemia: um olhar sobre a vulnerabilidade municipal e a covid-19 . **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, [S. l.], p. 111–121, 2020. DOI: 10.14393/Hygeia0054569.

GUIMARÃES, Raul Borges. **Saúde**: fundamentos de Geografia humana. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

GUIMARÃES, Raul Borges; CATÃO, Rafael de Castro; MARTINUCI, Oséias da Silva; PUGLIESI, Edmur Azevedo; MATSUMOTO, Patricia Sayuri Silvestre. O raciocínio geográfico e as chaves de leitura da Covid-19 no território brasileiro. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 34, n. 99, p. 119-140, ago. 2020. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.008.

GUIMARÃES, Raul Borges; CATÃO, Rafael de Castro; NOSSA, Paulo Nuno. Geografia A Serviço Da Emergência Em Saúde Pública. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, [S. l.], 2020. DOI: 10.14393/Hygeia0056356. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/56356>.

HEIMANN, Moacir Roberto. A pandemia e a desigualdade na imunização vacinal anti-SARS-CoV-2 – vacinas contra o coronavírus (COVID-19). In: Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos: Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir. XX., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São

Paulo, 2022. Disponível em https://www.eng2022.agb.org.br/site/anais?AREA=10. Acesso em 09 nov. 2022.

HORTON, Richard. Offline: COVID-19 is not a pandemic. **The lancet**, v. 396, n. 10255, p. 874, 2020.

IUMATTI, Paulo; SEABRA, Manoel; HEIDEMANN, Heinz Dieter (orgs.). **Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros**. São Paulo: EdUSP, 2008.

JESUS, Vitória de; SANTOS, Eva Teixeira dos. Violência doméstica no contexto de pandemia no estado de Mato Grosso do Sul no ano de 2020 na perspectiva da mídia online. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 1087-1095. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

JUNIOR, José Raimundo Sousa Ribeiro; SAMPAIO, Mateus de Almeida Prado; BANDONI, Daniel Henrique; CARLI, Luiza Lima Silva de. **Atlas das situações alimentares no Brasil**: a disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2021.

LIMA, João Pedro Pereira Caetano de; GUIMARÃES, Raul Borges. Análise espacial da COVID-19 em Presidente Prudente e Botucatu – SP. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 243-254. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

LOPES DE SOUZA, Marcelo. Da "diferenciação de áreas" à "diferenciação socioespacial": A "visão (apenas) de sobrevôo" como tradição epistemológica e metodológica limitante. **Revista Cidades**, v. 4, n. 6, p. 101-114, 2007.

MACEDO, Jhony Frota; MARQUES, Matheus Andrade. Incidência de casos de COVID-19 na Ilha do Maranhão: visão geral da evolução do número de casos confirmados e índices relacionados. In: Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos: Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir. XX., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2022. Disponível em https://www.eng2022.agb.org.br/site/anais?AREA=10. Acesso em 09 nov. 2022.

MÉNDEZ, Ricardo. **Sitiados por la pandemia**. Del colapso a la reconstrucción: apuntes geográficos. Madrid: Revives, 2020.

MIRANDA, Marília Viana. BRITTO, Saimo Lima de. Fatores estressantes relacionados ao trabalho do agente comunitário de saúde no município de Porto Franco-MA e seus agravantes no contexto da pandemia de COVID-19. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 527-535. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

MIRANDA, Marina Jorge de; BEZERRA, Aramilis Bahia; MATOS, Karina Flávia Ribeiro; SILVA, Eliane Lima e; GURGEL, Helen. Análise geográfica da COVID-19 e os desafios no manejo da emergência na região integrada de desenvolvimento do Distrito Federal e entorno (RIDE-DF). In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 536-547. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

MUNIZ, Miller Ferreira. Regionalização e saúde: distribuição territorial dos Unacon e Cacon no Maranhão em período pandêmico. In: Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos: Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir. XX., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2022. Disponível em https://www.eng2022.agb.org.br/site/anais?AREA=10. Acesso em 09 nov. 2022.

OLIVEIRA, João Carlos de; FERNANDES, Paulo; SILVA, Arcênio. As contribuições da Geografia da Saúde no monitoramento de vetores: possibilidades e desafios em tempos de pandemia - covid-19. **Metodologias e Aprendizado**, [S.L.], v. 5, p. 116-128, 13 jan. 2022. Instituto Federal Catarinense. http://dx.doi.org/10.21166/metapre.v5i.2477.

OLIVEIRA, Nikson Dias de; SILVA, Adriano Lucena da; OLIVEIRA-BORGES, Elton Carlos de. Geotecnologias como ferramenta a serviço do planejamento urbano: uma análise para implantação de UBS's em Boa Vista (RR, 2019). In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 301-317. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE/WORLD HEALTH ORGANIZATION. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO). 1948. Disponível em http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html. Acesso em: 29 ago. 2022.

PIRES, Cyntia Miguel; RAMIRES, Júlio Cesar de Lima. O plano diretor de regionalização da saúde em Goiás / PDR-GO. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021,

p. 650-660. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Organização do espaço: objeto de estudo, objeto de desejo. [S.I.]. p. 1-4, s/d.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; ROCHA, Pedro Henrique; TRINDADE, Helena. Uma geografia decolonial da pandemia: um olhar sobre o ano de 2020. **Ensaios de Geografia** - No prelo.

ROCHA, Pedro Henrique; TRINDADE, Helena; NEVES, Rafaela Pinheiro de Almeida; ROMÃO, Elinton Fábio; LIMA, Laíza. COVID-19: uma reflexão geográfica sobre as diferenciações patológicas. **Ensaios de Geografia**, v. 6, n. 12, p. 133-160, 22 dez. 2020.

RODRIGUEZ-MORALES, Alfonso et. al. COVID-19 in Latin America: The implications of the first confirmed case in Brazil. **Travel Medicine and Infectious Disease**, v. 35, 101613. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/J.TMAID.2020.101613>.

SANTANA, Gabriel Augusto Coêlho de; DUTRA, Rodrigo. Entre o estigma e o reconhecimento: a territorialização da Política Nacional De Saúde Integral LGBT na Região Metropolitana do Recife. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 392-404. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4ª edição. 8ª reimpressão. São Paulo:EdUSP, 2014.

SANTOS, Milton. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, p. 309-314, 2003.

SANTOS, Vera Lopes; MATOS, Karina Flávia Ribeiro; ARAÚJO, Ruan Italo. COVID-19 nos territórios indígenas no início da pandemia: o caso do DSEI Alto Solimões – AM. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia: A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraneoliberal. XIV., 2021, Online. **Anais [...]**. [S.I.]: Plataforma Espaço Digital, 2021. Disponível em https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77841. Acesso em 12 ago. 2022.

SCHUMANN, Eduardo; DUARTE, Tiaraju Salini. A Geografia da Saúde no Brasil: uma revisão das abordagens e dos eixos temáticos no período entre os anos 2000 e 2021 no catálogo de teses e dissertações da CAPES. In: Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos: Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir. XX., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2022. Disponível em https://www.eng2022.agb.org.br/site/anais?AREA=10. Acesso em 09 nov. 2022.

SCHUMANN, Eduardo; DUARTE, Tiaraju Salini; CABREIRA, Guilherme Augusto; QUEIROZ, Antonio Lourence Kila de. A COVID-19 na região de saúde sul do Rio Grande do Sul: um estudo da difusão espacial da doença no ano de 2020 e os impactos no sistema técnico hospitalar. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia: A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraneoliberal. XIV., 2021, Online. **Anais [...]**. [S.I.]: Plataforma Espaço Digital, 2021. Disponível em https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78700. Acesso em 12 ago. 2022.

SILVA, Fernanda Karla Bezerra da. Risco à Leishmaniose Tegumentar na Baixada Verde: a vulnerabilidade ambiental no município de Seropédica, RJ. In: Encontro Nacional de

Geógrafas e Geógrafos: Brasil-Periferia: a Geografia para resistir e a AGB para construir. XX., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2022. Disponível em https://www.eng2022.agb.org.br/site/anais?AREA=10. Acesso em 09 nov. 2022.

SIMON, Carolina Russo. A epidemia invisibilizada é a mais violenta. In: BENINI, Sandra Medina et al (org.). **Pandemia do Coronavírus**: abordagem multidisciplinar. Tupã: Anap, 2021.

SIMON, Carolina Russo; BORSOI, Bruna Fernandez Guimarães. Por uma Geografia para todas as saúdes: feminismo como direção para a promoção da saúde. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 33-44. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

SIMON, Carolina Russo; LIMA, João Pedro Pereira Caetano de; GUIMARÃES, Raul Borges. A Mortalidade Materna e a COVID-19 no Estado de São Paulo (2019 a 2021). **Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia**, 2022, no prelo.

SIMON, Carolina Russo; REGALA, Raisa Maria. Saúde – o debate com 29 anos de (re)existência na AGB. **AGB em debate – COVID-19.** 18 maio 2020. Disponível em: https://agb.org.br/agb-em-debate-covid-19/. Acesso em 10 ago. 2022.

SOUZA, Maycon Moraes; SOUZA FILHO, Osmar Fabiano de. A carência de leitos complementares nas regionais de saúde do Paraná. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia: A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraneoliberal. XIV., 2021, Online. **Anais [...]**. [S.I.]: Plataforma Espaço Digital, 2021. Disponível em

https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77752. Acesso em 12 ago. 2022.

VAICHULONIS, Iara dos Reis; ULLIRSCH, Fernando de Oliveira; BRILINGER, Caroline Orlandi. Perfil dos conselheiros locais de saúde do município de Joinville. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 434-447. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

VIEIRA, Isabel Cristina Bohn; RIBEIRO, Eduardo Augusto Werneck; HEIDMANN, Terezinha Shülter. Educação em saúde: ponderações de um itinerário freiriano. In: Simpósio Nacional de Geografia da Saúde: dimensões geográficas dos impactos e desafios das pandemias. X., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2021, p. 739-750. Disponível em: https://www.anaisgeosaude.com/_files/ugd/38a258_5510509ef811433a814eaa9d6c919b90.pdf. Acesso em 14 ago. 2022.

Submetido em: 01 de fevereiro de 2023.
Devolvido para revisão em: 30 de maio de 2023.
Aprovado em: 23 de junho de 2023.

PEREIRA CAETANO DE LIMA, J. P.; HENRIQUE ROCHA, P.; CARDOZO DIAS, K. A Geografia da Saúde e os Grandes Encontros Geográficos na Pandemia. **Terra Livre**, *[S. l.]*, [s.d.]. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2873. Acesso em: 22 jul. 2023.